

politana de Salvador (RMS), chocou o Brasil, no dia 19 de fevereiro deste ano. Na ocasião, Eva publicou um relato em seu Instagram, dividido em cinco partes, sobre o pesadelo que viveu nas mãos do padrasto durante oito anos. Estupros, agressões, torturas físicas e psicológica eram acontecimentos diários.

Ela falou diversas vezes sobre as consequências que sofria sempre que tentava defender a mãe do padrasto abusivo – e vice-versa. A mãe dela também foi vítima de agressões de Thiago Alves.

"Eu tive medo porque, todas as vezes que uma defensão a outra, tomava uma proporção muito grande. A gente (ela e a mãe) se segurava e falava: uma hora a gente vai conseguir", disse, emocionada, no programa Encontro com Fátima Bernardes, da Globo, em 25 de fevereiro.

CONTROLE TOTAL

Em depoimento à imprensa, a estudante contou que Thiago tomou conta de tudo. Da família, da casa, da loja de materiais elétricos que a mãe dela possui em Camaçari. Isso logo evoluiu para o controle total do que ela fazia. Para onde ia, quando ia, com quem ia, como se vestia. Ela era obrigada a mandar fotos, praticamente em tempo real,

dos lugares onde estava. Aos 13 anos, quando decidiu denunciar o padrasto, foi com a mãe à delegacia. Estavam certas de que aquele terror acabaria. Antes de ir à polícia, porém, passaram a noite na casa de uma amiga.

"Quando a gente estava na delegacia, ele foi para a casa dessa amiga. Invadiu a casa dela armado. Deu chute no portão e entrou com vários homens. E eu percebi: não posso ir para a casa de ninguém. O único lugar que eu tenho para ir é a delegacia. Só que ele me ameaçou, me fez retirar a queixa e eu não consegui dar prosseguimento", contou Eva Luana, em entrevista ao CORREIO, no dia 20 de fevereiro.

A partir dali, as coisas só pioraram. A quase denúncia não deu em nada e resultou em mais sofrimento para a jovem. "Ali, perdi minha alma. O que fui denunciar, um ano de sofrimento, se multiplicou em mais oito anos", narrou Eva, em seu Instagram.

'FAMÍLIA PERFEITA'

A sociedade achava que Thiago Oliveira Alves, a mãe de Eva Luana e a jovem formavam uma família perfeita, mas a realidade era outra. Ela contou que chegou a ser obrigada a comer uma pizza tamanho família e beber dois li-

tros de refrigerante em 10 minutos. Como não conseguiu, levou socos no rosto e recebeu chutes até cair no chão.

"Ele enfiou as pizzas na minha boca, me chamando de animal, eu vomitei e comi meu próprio vômito. Meu gato comeu um pedaço e lambeu outro, ele me obrigou a comer o que ele havia lambido. Eu apanhei a noite toda e no outro dia eu tinha que fingir que nada havia acontecido", escreveu a jovem em seus relatos na internet.

Eva também não podia ter amigos, muito menos namorado. O agressor tinha total acesso ao seu celular, inclusive às mensagens do WhatsApp. Todas as suas senhas eram monitoradas por ele. Durante os estupros, era agredida. Engravidou dele e abortou mais de uma vez. "Nunca pude ir ao médico para fazer curetagem. Todas as vezes sangrava e passava mal a noite inteira", revelou.

Todo o dinheiro da casa era entregue a ele. Houve noites em que foi forçada a dormir na casa da cachorra e em que passou horas sem comer. Tinha que ficar madrugada inteira em pé. A jovem foi até mesmo obrigada a sair na rua, à noite. O agressor dizia que "era para ela ser estuprada por outros homens".

*COM GIL SANTOS E THAIS BORGES



NELSON CADENA

correio24horas.com.br/24h/nelsoncadena

É FOGO!

Carência de água sempre foi o calcanhar de Aquiles no combate aos grandes incêndios, por falta de hidrantes.

Tantos e tão frequentes foram os incêndios ocorridos na Bahia ao longo de sua história que os baianos adotaram um mantra bem ao estilo das teorias conspiratórias de hoje: incêndio de prédios públicos foi o governador que mandou, incêndios de prédios privados foi o dono que ordenou para receber o seguro. Fazia sentido a dúvida. Alguns dos incêndios desobstruíram ruas e permitiram novos projetos urbanos. Quanto às companhias de seguros, cujo mandamento principal continua a ser desconfiar do cliente, estas, adotaram as suas providências, constituindo os primeiros corpos de bombeiros informais da cidade, na década de 1870. Serviço particular das Companhias de Seguros Aliança e Interesse Público.

No século XIX nossos antepassados testemunharam a destruição do Mercado de Santa Bárbara, Banco da Bahia, sobrados das Ruas das Princesas e do Corpo Santo; dez prédios de propriedade da Santa Casa de Misericórdia na Rua Conselheiro Dantas; Trapiche Querino; Trapiche da Piaçava; Tipografia de O Alabama. E, no século XX, quando já contávamos com um corpo de bombeiros organizado, assistimos os incêndios da Faculdade de Medicina da Bahia; Palácio Rio Branco...

... Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; grande parte dos casarões do Taboão; Trapiche Novo; vários sobrados da Rua Chile (no bombardeio de 1912); Foto Lindemann e Revista Renascença; Diário da Bahia; Foto Europa, Alfaiataria Spinelli; Costa & Filhos; Mercado Do Ouro; Drogaria América; Liceu de Artes e Ofícios; E em tempos recentes os incêndios de Água de Meninos; Mercado Modelo, Rádio Excelsior; TV Itapoan; Loja Duas Américas; Cine Capri; Igreja da Barroquinha; Solar Boa Vista; Bradesco da Piedade; Shopping Iguatemi; Assembleia Legislativa; Ortohom e muitos outros que a memória não registrou, deixou passar.

A carência de água sempre foi o calcanhar de Aquiles no combate aos grandes incêndios, por falta de hidrantes, ou pelo entupimento deles; a comunicação em tempo hábil também era um entrave. Antes da existência de um Corpo de Bombeiros, o combate ao fogo era de responsabilidade do Arsenal da Marinha, que dispunha de duas bombas para essa finalidade. Em 1850 a Associação Comercial da Bahia adquiriu uma a vapor e a disponibilizou. O tempo de início da operação era o tempo de levar as bombas até o local do sinistro, se na cidade alta, uma logística complicada. A comunicação se dava através de sinais de fumaça – do próprio fogo – que pela intensidade denunciava o desastre.

A partir de 1854 vigorou a lei das badaladas, complementar da fumaça, que consistia em códigos pré-estabelecidos no toque dos sinos, permitindo identificar o local do sinistro. A igreja mais próxima tinha a obrigação de badalar conforme as instruções. E para comunicar o fim do incêndio a mesma igreja procedia a um breve repique. Os vizinhos auxiliavam os "bombeiros" mandando seus escravos encher barris do líquido nos chafarizes e fontes. Em 1871 passamos a ter a Associação de Voluntários Contra Incêndios, cuja principal tarefa era a ronda noturna. E, em 1880, a Companhia Queimado instalou dez hidrantes na cidade baixa e daí por diante se multiplicaram por toda soterópolis. Ficou mais fácil o combate ao fogo.

A formação de um corpo efetivo de bombeiros veio tarde, depois de muitos sinistros, no período republicano, com a criação, em 1894, do Corpo de Bombeiros da Cidade do Salvador pelo Conselheiro Almeida Couto. Contava com alguns equipamentos, mas não tinha carro para transportar os barris de água. Não sei como era feito em Salvador, mas no Rio e São Paulo, até a década de 1920, juízes punavam um carro-carroça contendo os apetrechos necessários para o combate ao fogo. Funcionava desse jeito.

Nelson Cadena é publicitário e jornalista, escreve às sextas-feiras

REVISÃO 2019

ENEM

**Quer ficar fera?
O Correio te ajuda!**

Toda **quarta-feira**, acompanhe as nossas dicas de estudo e novos conteúdos aqui no **Correio** e no nosso site.

Simulados e videoaulas semanais te ajudarão a revisar os temas e se preparar para o exame.

Acesse:

correio24h.com.br/revisao

Patrocínio

Apoiado por

Realização